

Sai da frente, estafermo!

Uma saga de mulheres negras

Delman Ferreira
Paulo Sá Brito

Sai da frente, estafermo!

Uma saga de mulheres negras



Florianópolis, 2023.

Expediente

© Editora Cruz e Sousa

Coordenação editorial: Fábio Garcia

Capa, projeto gráfico e diagramação: FK Estudio

Revisão de conteúdo: Rosana Sá Brito

Imagem dos autores: Luiz Cézare Vieira Filho

Conselho Editorial: Eliane Santana Dias Debus

José Bento Rosa da Silva

Maurício Pestana

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Alzemi Machado – CRB 14/677

F383s Ferreira, Delman.
Sai da frente, estafermo! : uma saga de mulheres negras / Delman Ferreira ; Paulo Sá Brito. _ .Florianópolis: Cruz e Sousa, 2023.

272 p.; 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-85042-06-2

1. Literatura Brasileira - Romance. 2. Literatura Catarinense - Romance. I. Brito, Paulo Sá. II. Título.

CDD B869.8

Esta obra foi produzida conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2012. Direitos desta edição reservados aos autores. Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização dos autores.

Produção: Editora Cruz e Sousa
CNPJ: 31.806.126/0001-81
Servidão Leandro Manoel de Aguiar, 186
Rio Vermelho – Florianópolis – CEP: 88060-218
Telefone: (48) 98500-9692
E-mail: contatoeditoracs@hotmail.com
www.editoracruz Sousa.com.br

*A vida não é o que a gente viveu,
e sim o que se lembra
e como se lembra
para contá-la.*

Gabriel García Márquez

ÍNDICE

Garrafa ao mar	11
Caixa na enxurrada	15
Perfil de escritora	19
Preciso conversar contigo	21
Crônica de família	25
Um doce de inhapa	29
Primeiras letras	35
Leituras dissimuladas	41
Dor que não era dor	47
Férrea instituição	61
Escapar do porão	65
Primeiros sangues	69
Miasmas	73
Essa tal liberdade	77
Cupins pretos	81
Elegância nos detalhes	91
Nossa Senhora do Rosário	99
Manda quem veste calças	103
Desterro vestiu cinza	107
Caminhos de ferro	111
Freguesia do Ribeirão	119
Festa da Laranja	127

No escuro do quarto	131
Primeiro dia de aula	135
Bigode e artesanão	143
Tragédia grega	149
Aliança	157
Nem adolescência nem infância	161
Duas caras negras	167
Desbravar o Oeste	169
De vapor e de trem	175
Marias da Ilha	187
Resistia um quadro-negro	191
Cultos e charmosos	199
Rajada de vento sul	205
Campo minado	215
Sereníssimo	221
Detefon	227
Altos e baixos	231
Rei do rococó	235
Academia do Jacaré	237
Do caderno ao porão	245
Canto e livros	251
O maior tesouro	255
Nos braços de Dindinha	257
Genealogias	259
Duas cabeças e quatro mãos	263



Garrafa ao mar

Ao pegar caderno, caneta e tinteiro, Leopoldina jamais poderia imaginar que, passados 120 anos, aqueles manuscritos levariam duas bisnetas de sua neta Maria Clara a mergulhar num redemoinho de vidas ancestrais.

O último dia do século XIX a encontrou sentada junto à janela. Absorta, vislumbra um pouco do mar da baía por uma nesga entre as casas. Um passeio pela manhã fez despertar intensa inquietação.

Horas antes, decidiu chamar a mãe, Marcolina, para caminharem até a Praça XV de Novembro e apreciarem as caixas ópticas que tanto encantavam o povo naqueles festejos de final do século.

Longa fila serpenteava pela praça. Curiosos aguardavam o momento de espiar pelos visores e se deparar com lindas imagens dos Jardins de Versalhes ou do Palácio dos Doges de Veneza ou da Praça da Concórdia em Paris ou da Catedral de Milão e, até mesmo, da Basílica de São Pedro no Vaticano. Dotadas de lentes de aumento, era como se todos aqueles lugares estivessem ao alcance das mãos.

Depois de se maravilhar com a magia das caixas ópticas e passear pelo jardim Oliveira Bello, Leopoldina imaginou subir até o alto da Rua da Trindade, atrás da Igreja

Matriz. Mesmo de longe, poderiam visualizar o amarelo dos garapuvus se destacando em meio ao verde da mata nos declives do morro. Acima, em destaque, a obra construída para comemorar a virada do século XIX para o XX: a enorme cruz no Morro do Antão. Aquele marco se tornaria tão simbólico que o próprio local passaria a ser chamado de Morro da Cruz, embora um século depois a população de Florianópolis já não conseguisse mais enxergá-la. Ao invés de emoldurada pelo amarelo dos frondosos garapuvus, a cruz, o registro da virada do século, foi eclipsada pelo paliteiro de antenas.

O Morro do Antão era assim chamado por causa da enorme área de terra na encosta, propriedade do açoriano Antão Lourenço Rebolo. Mas antes de se denominar Morro da Cruz, já foi chamado Morro dos Sinais e Morro do Pau da Bandeira.

Marcolina já passava dos 70 anos, sentiu-se cansada e quis voltar para casa. A mãe, antes, adorava caminhar pela cidade, Leopoldina se chocou ao vê-la desistir de um passeio por cansaço. Logo a mãe, sempre disposta, sempre uma fortaleza. Só então percebeu o significado da virada do século e pensou na passagem do tempo. Não era apenas mais um ano, era a vida se transformando. Histórias se apagando.

Após o passeio, Leopoldina retornou ao lugar preferido, a cadeira junto à janela, e à leitura de *O Cortiço*, livro do maranhense Aluísio Azevedo, emprestado por uma amiga. Envolvida na leitura, padecia com a vida miserável dos personagens, habitantes daquele cortiço na capital do Império.

Sofria em especial com as crianças, pois vinha à mente a memória dos próprios filhos. Pensava neles ainda pequeninos. E sentia um aperto no peito ao recordar a morte da filha Lúcia, com apenas 3 anos e meio de idade.

– Não deveria ser dos desígnios de Deus, morrer uma filhinha em idade tão inocente – costumava repetir sempre que algo a induzia a evocar a memória da menina.

O mais velho, já casado, telegrafista, morando em São Paulo. A filha caçula se preparando para casar e seguir o próprio caminho. Leopoldina sentia-se nostálgica e inquieta. A melancolia a invadiu ao pensar na passagem do tempo e imaginar, também ela, logo ficando para trás, esquecida numa certidão de óbito.

Fechou o livro, pensativa. Recostou-se na cadeira e devaneou com as recordações de suas próprias agruras: a escravidão, as leituras para a Sinhá, a morte da filha, o crime da tesourada, as perdas de Akin e Lúcio, os dois homens que teve na vida. Com o primeiro, Akin, viveu intensamente durante pouquíssimos dias, uma única noite de amor, depois o ajudou a fugir e não teve mais notícias. Nunca soube se sobreviveu à guerra contra o Paraguai. Com o segundo, Lúcio d’Almeida, ficou casada durante doze anos e teve três filhos.

Insuportável a ideia de que as pessoas passam e são apagadas das memórias, engolidas pelo limbo do passado. Inaceitável ver os ancestrais abandonados, como se aquelas vidas não houvessem impactado outras vidas e não fossem dignas de registro. Precisava impedir os ventos do esquecimento varrerem tantas histórias.

Reclinada sobre a cadeira, Leopoldina esticou um pouco as pernas com vontade de relaxar os músculos tensos pela caminhada e pela inquietação. Voltou a olhar em direção ao mar. Observou os barcos cruzando as águas da baía. Percebeu a entrada do vento nordeste. Correntes marinhas carregavam as pequenas embarcações para horizonte distante. Aquele entardecer, o último final de tarde do século, também levava histórias de vida para longe das memórias.

O livro no colo impelia questionamentos. Afinal, a existência de pessoas como elas não caberia num livro? Não haveria escritores interessados em contar vidas e feitos negros?

Levantou da cadeira e tomou a decisão. Pegou caderno, caneta e tinteiro, determinada a fazer anotações de registros da família. Seria como jogar uma garrafa ao mar com mensagens a serem encontradas em algum lugar do futuro.



Caixa na enxurrada

Passado quase um século, o espírito natalino dominava a cidade naquele 23 de dezembro de 1995. A Ponte Hercílio Luz, as ruas e postes do centro, a figueira da Praça XV, a Catedral, diversos monumentos, tudo festivamente decorado e iluminado. Multidões pelas ruas, embaladas como se o ar estivesse pleno de músicas. Casas enfeitadas, comida farta, mensagens de amor ao próximo, atos de solidariedade. Crianças contavam as horas para abrir presentes. Os elementos essenciais do Natal desfilavam animados pelo típico frenesi do período.

Diná, em ritual que repetia todos os anos, enfeitou a árvore com bolas coloridas, estrelas, fitas, barba-de-velho, algodão imitando neve e os pacotes de presentes para a família. Pensava na noite seguinte, nos pratos que prepararia, as frutas, as sobremesas, os adereços. A família reunida. Tudo deveria estar perfeito.

Na antevéspera de Natal, nuvens carregadas se reuniram sobre Florianópolis. A tarde virou noite. Nos céus, um sinistro rondava. Mas a vida seguia alegre, nada abalaria aquela paz, todos imaginavam apenas mais uma chuva de final de tarde. Ninguém deu importância para a escuridão inesperada. Não seria possível imaginar que um fenômeno estranho, de nome ainda mais esquisito, investiria contra a cidade justo na véspera do Natal.

Trágica ilusão, não seria simples temporal de verão, mas um raro sistema chamado vórtice ciclônico, informaram meteorologistas. Ao fenômeno atmosférico se adicionou incomum maré alta que não permitiu o escoamento da água da chuva. Ao imprevisível se juntou a costumeira falta de manutenção das galerias pluviais e limpeza dos rios da cidade.

Essa combinação de eventos provocou o maior temporal e enchente de que Florianópolis teve notícia em sua história. Cenário devastador. Começou no fim da tarde e continuou despencando tempestade sem tréguas até a manhã seguinte. Resultado: na véspera do Natal, a cidade estava arrasada.

A enchente arrastou consigo a alegria. Morros deslizaram, casas desabaram, ruas se transformaram em rios. Centenas de vítimas entre feridos e mortos. Mais da metade da malha viária destruída ou comprometida. Uma semana depois, os serviços de telefonia, abastecimento de água e energia elétrica ainda não estavam recuperados.

Diná morava numa casinha de duas águas, com amplo quintal. Em volta da casa cultivava canteiros com hortaliças e plantas decorativas, além de algumas frutíferas: limão, jabuticaba, acerola, pitanga. Na frente do terreno, enorme goiabeira estendia seus braços sobre o telhado.

Ao longo da noite, quando a tempestade atingiu o auge, os ventos açoitavam e pareciam pretender tirar a pequena casa de madeira do lugar. Nada resistia às investidas da borrasca. Os galhos da goiabeira balançavam com violência, arrancando telhas. O vento se encarregava de atirá-las longe. Junto com as telhas voaram o beiral da casa, a cumeeira e parte do forro, como se fossem de papelão. A tempestade inundou os cômodos. Móveis, roupas e pertences encharcados, alguns inutilizados.

Antes do desastre, o forro era o espaço onde se colocavam aqueles objetos que talvez, algum dia, voltassem a ter utilidade, mas acabavam esquecidos para sempre. Caixas com papéis antigos, cartas, fotos, coleções de revistas, lembranças e registros de vidas. Tudo se perdeu na enxurrada. Ou quase tudo. Salvou-se uma pequena caixa de papelão, amarrada com fitas adesivas. Intacta, num canto que não foi destelhado.

Aquela caixa continha tesouros. Além de algumas cartas e fotos, lá estava o manuscrito amarelado, iniciado por Leopoldina na virada do século XX e que Diná havia guardado, mais de dez anos antes, no dia em que Maria Clara se foi com a Dindinha.

Denise, que ajudou a avó a salvar tudo que pudesse, pediu para o pai guardar aquela caixa. Ele a acomodou em cima do guarda-roupa. E lá ela ficou pelos anos seguintes.



Perfil de escritora

Denise, desde pequenina, sempre gostou de escrever. Ainda no primeiro grau, na Escola do Sarapiquã, adorava quando a professora pedia para escreverem relatos de algum passeio. Sempre terminava antes de todos. Sabendo que algumas amiguinhas pediriam ajuda, Denise já se adiantava, escrevia uns três ou quatro e distribuía para as colegas.

Quando chegou o vestibular, decidiu-se por Jornalismo. Mas hesitava. Não deveria ter optado por curso que permitisse futuro mais garantido? Seguiu nessa gangorra até se deparar com a disciplina de redação e textos jornalísticos. As dúvidas desapareceram e as certezas se solidificaram.

– Já sei o que pretendo fazer na vida, escrever.

O professor havia pedido para os alunos prepararem o perfil de algum membro da família. No mesmo instante, ela sentiu-se determinada a escrever sobre a bisavó Maria Clara. Rememorou o temporal que destruiu a casa da avó Diná. Lembrou da caixa. Procurou o pai para saber onde andavam aqueles guardados.

Passados quase dez anos daquela enxurrada, permaneciam lá, sobre o guarda-roupa, acumulando poeira. Denise respirou fundo e resolveu encarar a tarefa de remexer a papelada. Sozinha, sentada no chão da casa, retirou com

cuidado as fitas adesivas que enlaçavam o volume. Encontrou alguns pacotes separando a papelada por assunto, arremedo de organização. Desatou os nós dos cordões de cada maço. Fotos de gente desconhecida, jornais antigos, recortes aparentemente sem valor, tudo prendia a atenção. Chegou às cartas, leu trechos esparsos. Sentiu a memória e as emoções tocadas com as revelações anotadas pela caligrafia delicada da bisavó.

A grande surpresa: reencontrar o caderno, folhas amareladas pelo tempo, carcomidas nos cantos, corroídas por traças. Ali estavam apontamentos revelando dados de ancestrais tão remotos dos quais Denise jamais ouviu falar. Ficou maravilhada ao se deparar com grafias antigas, anotações de datas de nascimentos, batismos e mortes que remontavam ao século XIX. A primeira anotação, o registro da data de nascimento da avó de sua bisavó, Lúcia Leopoldina d'Almeida, escravizada, que veio ao mundo nos idos de 1852. E, junto a outras preciosidades, a data em que a bisavó, Maria Clara, ingressou pela primeira vez na escola.

Muitas vezes os olhos marejaram com as cartas, os bilhetes, os manuscritos recheados não só de informações, mas de sentimentos, emoções. Denise guardou com cuidado, tendo receio que aquelas páginas se desmanchassem com simples toques.

Decidiu ser aquele o material para o trabalho de aula. Mas o professor a decepcionou, sugerindo que os achados, todos preciosos em sua opinião, fossem preservados para obra de maior fôlego. Mesmo a contragosto, Denise seguiu a recomendação.



Preciso conversar contigo

Denise escapou incólume da pandemia de Covid-19 que prostrou o mundo em confinamento por dois anos, desde o início de 2020. Mas não conseguiu escapar de outro fenômeno, a febre Ferrante. Embora atarefada com o cotidiano das jornadas do emprego, da casa e dos dois filhos, sempre encontrava um tempinho para devorar os livros de Elena Ferrante.

Naquele ponto em que o leitor apaixonado quer saber o final, mas sente pena porque já vai acabar, abaixou o livro no colo e se deixou vagar. O pensamento vagabundo a levou até aquelas folhas amareladas escritas por suas antepassadas, que ela havia manuseado mais de vinte anos antes.

Sabia que o caderno era algo precioso. Queria dar o tratamento certo para aquele material. Sempre sonhou desvendar a história da bisavó Maria Clara, uma negra que, no início do século XX, numa época e numa cidade profundamente marcadas pelo racismo, havia estudado e se graduado professora normalista. O curso de normalista, naquele tempo, corresponderia à atual graduação em Pedagogia.

Muitas vezes ouviu a avó Diná recordar histórias.

– Maria Clara Cordeiro Ferreira – a avó, emocionada, costumava pronunciar pausadamente o nome completo – foi mulher de valor, inteligente, culta, enfrentou desde menina preconceitos por ser mulher e negra, mas apesar das enormes dificuldades construiu trajetória da qual me orgulho. Órfã quando ainda era praticamente um bebê, com pouco mais de 4 anos de idade, Maria Clara suportou com bravura e dignidade as durezas da vida. – E Diná seguia discorrendo, orgulhosa, as histórias da mãe.

Dirce, uma das tias de Denise, tratada na família por Dirciney, sempre lembra de Maria Clara levá-la junto quando necessitava resolver alguma pendenga em repartições do governo. E por onde passava, despertava respeito.

– Políticos, diretores, pessoas dos mais altos cargos e também gente simples, praticamente todos que encontramos, paravam para cumprimentar, a chamavam carinhosamente de minha mestra, minha professora, demonstrando enorme admiração. Sua cultura em muito ultrapassava a da comunidade onde vivíamos.

Essa deferência à avó semeou na menina Dirciney a vontade de ser, também, professora.

Ao mesmo tempo, Denise especulava quais razões teriam levado a bisavó a enfrentar dificuldades financeiras, mudar de cidade algumas vezes, casar com alguém que, segundo Diná, Maria Clara não amava.

Decidiu procurar Ana – com quem divide muito mais do que identidades, gostos, segredos. Partilhou com a irmã o mesmo ventre durante nove meses. Gêmeas bivitelinas. Denise, jornalista, mãe de um casal de filhos, é loura de olhos claros. Ana, engenheira, mãe de um menino, tem pele morena e olhos negros. Parecem ainda viver umbilicalmente ligadas. Estão sempre juntas, uma na casa da outra. Compartilham roupas, amigas, festas, segredos.

Compartilham até os filhos, que ficam ora na casa de uma, ora na de outra.

– Lembra daquele caderno de anotações dos nossos antepassados? Estou, ao mesmo tempo, maravilhada e desnorteada. Já li e reli alguns trechos meia dúzia de vezes. Aparecem os nomes de diversas pessoas da família que conhecemos. E outras que, suponho, sejam também nossos familiares.

Denise rememorou com a irmã o dia do temporal que destelhou a casa da avó, quando ela recolheu uma caixa com documentos e pediu para o pai guardar.

– Gente muito antiga? – interessou-se Ana.

– Para teres uma ideia, a primeira referência é de uma tal de Leopoldina que nasceu em 1852. Além de outras pessoas do século XIX e início do século XX de quem nunca ouvimos falar. Preciso desvendar essa história.

Ana manuseou as folhas com cuidado.

– Tenho um amigo estudioso justamente desses assuntos. Fábio Garcia, um historiador.

– Tinha certeza que tu saberias indicar alguém para nos ajudar.



Crônica de família

Marcaram encontro numa confeitaria da Avenida Hercílio Luz. Levaram o caderno para Fábio. As folhas roídas por traças causaram impacto no historiador.

– Isto é maravilhoso, – Fábio, boquiaberto, com os olhos pregados no caderno – é de valor inestimável. Vocês têm em mãos a crônica de uma família. Uma crônica que remonta a meados do século XIX e segue até a segunda metade do século XX.

– Eu sabia que tu irias gostar – exclamou Ana com um sorriso de orelha a orelha.

– Adorei. Em primeiro lugar, já destaco algo que venho insistindo em meus estudos: a população negra era plena de intelectuais, artistas, professores, mas foi relegada às margens da história. Com raríssimas exceções, como o poeta Cruz e Sousa e a professora Antonieta de Barros, dos demais, parece que se fez um esforço para apagar as presenças.

Fábio, folheando com cuidado o caderno, acrescentou um comentário.

– Em muitos estados do Brasil, imaginam não existir negros em Florianópolis. Nossas cidades seriam repletas de loiras de olhos azuis, esguias, típicas germânicas.

Ou italianas de cabelos castanhos cacheados e seios fartos, como algumas atrizes de cinema. As propagandas turísticas, as imagens das festas, as matérias jornalísticas, de forma subliminar, reforçam essa ideia.

– Isto aconteceu comigo – comentou Ana – estava no Mato Grosso fazendo inspeção de usina e o pessoal se surpreendeu por eu ser natural de Florianópolis, pois imaginavam que aqui não havia negros. Ouvei esse comentário mais de uma vez.

Neste momento são interrompidos pela atendente, negra, trazendo os cafés. Os três apenas se olham, sem necessidade de qualquer comentário. E Denise aproveita para retomar o assunto do caderno.

– Nossa bisavó Maria Clara era negra e professora.

– Veja só, negra, e se torna professora. E tem a preocupação de registrar neste caderno os dados biográficos da família. – surpreende-se Fábio.

– É o que queremos, – Ana interrompeu Fábio – contar com tua ajuda para desvendar a história de nossos antepassados.

– Claro, ajudo. Voltando ao que estava dizendo, não só tua bisavó deixou esses registros. Aqui há anotações que remontam, pelo menos, há quase dois séculos. Vou pesquisar melhor, mas o que destaco neste caderno é o valor de uma mulher, negra, provavelmente escravizada naquela época, ainda em meados do século XIX, que sabia ler e escrever e deu início a estes registros. E com esta caligrafia maravilhosa.

Fábio voltou a manusear os papéis com cuidados de historiador.

– Vocês não fazem ideia – disse – de como isso é extraordinário. Segundo dados do Censo de 1870, na província que viria a ser o Estado de Santa Catarina, havia quinze

mil pessoas classificadas como pretos, crioulos e pardos. Desses, menos de cem sabiam ler e escrever. E essa parente de vocês era uma delas.

– Vê só, a gente pensando na bisavó Maria Clara, que nós achamos fantástica, e descobrimos outra parente, Leopoldina, que também era isso tudo – exclamou Denise cada vez mais encantada.

– Esse tipo de caderno é um hábito que veio da França, – destacou Fábio, – uma espécie de ata de família, em geral mantida por mulheres. A caligrafia, firme, bem desenhada, demonstra que eram mulheres habituadas a ler e escrever. Esses cadernos são um registro histórico preciosíssimo. Vocês não sabem o tesouro que têm nas mãos.

– Para nós, era uma relíquia familiar. Por isso nosso interesse em desvendar, pesquisar sobre as pessoas que estão citadas. Eu sei que tu fazes isso. E muito bem – elogiou Ana.

– Posso ficar com este caderno para fazer uma cópia? Devolvo o mais rápido que puder.

– Sim, sim, – respondeu Ana – tu ficas com ele e, depois que já tiveres pesquisado melhor, a gente combina para conversar novamente.

Fábio ainda ficou manuseando e analisando o pequeno caderno amarelado. Tão fascinado que ali mesmo, pelo celular, iniciou algumas pesquisas. Quem seria essa Lúcia Leopoldina d’Almeida?

Denise, durante todo o trajeto desde que deixou a confeitaria, sentiu-se inundada por um só pensamento, resgatar esta história. E prometeu para si mesma.

– Leopoldina, Maria Clara e todos esses antepassados nos chamam. Vou escrever este livro.

